

Qualidade no Ensino

Horácio Almendra

horacio.almendra@iqe.org.br
www.iqe.org.br



Colaboração:

Maria Helena Braga / mhelena.braga@iqe.org.br
Maria Sidalina Gouveia / sidalina.gouveia@iqe.org.br
Cristina Luiza Garbuio / cristina.garbuio@iqe.org.br
José Gayoso / jose.gayoso@iqe.org.br

Escola e orquestra: o que têm em comum?

Maria Helena Braga
é Supervisora Pedagógica de
Programas do IQE –
Instituto Qualidade no Ensino

A ideia de “orquestra”, com maestro e músicos tocando em harmonia, sempre me remete à imagem de escola. A princípio, não parecem ter algo em comum, mas, ao analisarmos os detalhes de funcionamento de ambas, podemos encontrar semelhanças na maneira de conduzir e coordenar os diferentes elementos que participam da construção da harmonia.

Uma orquestra, ao apresentar obras musicais, está afinada, mantém um compasso, demonstra a que veio, formando um

todo harmonioso, resultado da performance dos músicos e seus instrumentos. Ao escutarmos os tons, os sons, os acordes, raramente distinguimos uns dos outros, porque a ideia da musicalidade formada pelo conjunto é mais forte do que cada parte isolada.

Esse é o momento da apresentação. Mas para que ela ocorra com excelência, muito trabalho anterior precisa ser empreendido, com obstinação, perseverança, busca incansável do melhor desempenho possível. Cada partitura deve ser estudada, cada interpretação, ensaiada,

para que os elementos constituintes do produto,

que é a música, sejam perfeitamente executados.

Interessante é observar a figura do maestro, cuja função nem sempre fica clara no momento em que se executa a obra musical. Mesmo não tocando qualquer instrumento, exerce papel essencial na execução da música. Cada gesto seu é intencional: orienta o ritmo, a intensidade do som, a entrada de instrumentos, a interpretação. Nada é aleatório. Se não compreendemos seu trabalho, podemos, ilusoriamente, considerá-lo dispensável. No entanto, como afirma Walter Lourenção, ex-regente das orquestras sinfônicas do estado e do município de São Paulo, o papel do maestro é o

de professor e líder, que ensina e ajuda os músicos da orquestra a agir com certeza e determinação.

A comparação é inevitável. O bom funcionamento da escola depende, em alto grau, da harmonia estabelecida entre seus diferentes integrantes, por meio da primorosa execução de cada um que, no entanto, forma um todo. Assim como os músicos, por melhor que seja a atuação do professor, em sala de aula, os resultados do processo de ensino e aprendizagem dependem dos demais integrantes da instituição, desde a pessoa que recebe alunos e pais na entrada, até a figura do diretor. Todos fazem parte da “orquestra”.

Interessante, também, é observar a figura do gestor. Quando uma escola funciona harmoniosamente, ele pouco se destaca do restante. Mas, na verdade, assim como o maestro, é ele quem ajuda os demais profissionais a atuarem, com segurança e determinação. Ele é quem conhece os detalhes do funcionamento da instituição e pode coordená-la como um todo, reconhecendo e ressaltando o “talento” de cada um.

Podemos medir a boa gestão de uma escola, entre outros indicadores, pela quantidade de vezes em que um gestor é solicitado a resolver problemas banais. Quanto menos solicitações, maior é o

sinal de que, como líder, coordena as ações de modo que todos conheçam as diretrizes estabelecidas no projeto pedagógico e se sintam corresponsáveis por sua

execução, o que lhes dá instrumentos para a resolução de vários conflitos internos. Semelhante ao maestro, a coordenação já está tão bem feita, os educadores já desenvolveram habilidades e autonomia para resolver problemas com base em metas de aprendizagem propostas, que não precisam recorrer a ele a cada momento. Todos, com sua ajuda, compreendem adequadamente seus papéis e “executam a obra” educacional da melhor forma possível.